

[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)



*ARTIGOS*

*DOCTRINÁRIOS*

*ESPÍRITAS*

## Artigos Espíritas

Extraídos da obra  
Barão Carl du Prel - O Outro Lado da Vida

### I

A morte considerada como a  
passagem do homem para o estado ódico

Lucrécio compara o nascimento do homem a um naufrágio; as ondas nos lançam nus e abandonados em praias desconhecidas.

Ut saevis projectus ab undis  
Navita nudus humi jacet

Por que razão e com que fim, emergidos do oceano das idades, fomos deixados nas ribas terrestres? Não o sabemos; e tudo quanto precede esse naufrágio nos é de tal forma desconhecido que consideramos o nascimento como o começo de nossa existência.

Chegamos à terra com uma consciência vazia, e os conhecimentos que no decorrer da vida essa inconsciência adquire só dizem respeito aos objetos com que entramos em relação. Mal sabemos se nos assiste o

direito de fazer perguntas sobre o que aconteceu antes do nascimento e sobre o que haverá depois da morte; só temos noções do curto período que vai do berço ao túmulo. O homem dá-se como o rei da criação, mas o seu reino só compreende um dos astros mais insignificantes do firmamento. Orgulhamo-nos da nossa consciência pessoal, que nos torna superiores aos animais; mas sobre os animais, que não compreendem que são mortais, apenas temos a vantagem duvidosa de poder encarar a morte com segurança; e, embora tenhamos a noção da imortalidade, não estamos perfeitamente certos disso.

O problema da imortalidade comporta as seguintes questões:

1º- Possuímos uma alma imortal?

2º- Onde fica situado o Além?

3º- Que vida levará a alma no Além?

A Religião, a Filosofia e a história natural ocuparam-se dessas três questões; vamos expor sumariamente o que resultou das suas pesquisas.

As diversas religiões baseadas na Revelação sempre ensinaram que no momento da morte a alma deixa o corpo a fim de transportar-se para o Além e lá receber a recompensa ou a punição relativas à conduta terrestre.

A vida terrestre, portanto, seria tão somente um episódio passageiro, durante o qual devíamos nos aplicar na boa preparação para a vida futura, já que esta é eterna e aquela passageira. Esse ponto de vista coloca o interesse inteiramente na vida por vir; e quando a fé na imortalidade se torna universal, como na Idade Média, toda a civilização se ressentia disso, para bem ou para mal. Sem essa fé é impossível compreender os acontecimentos mais importantes da Idade Média, sem a excelência e o desenvolvimento da arte cristã nem a opressão do espírito pela inquisição e suas fogueiras. Em compensação, observamos em nossos dias que a influência da Religião, e com ela o poder da Igreja, se desvanecem cada vez mais; e se (coisa de que não duvidamos) essa dissolução continuar, o problema da imortalidade nada mais terá a esperar da Religião.

Passemos agora à Filosofia.

Na Idade Média a Filosofia estava a serviço da Igreja. A verdade dos dogmas religiosos procurava apoiar-se no raciocínio para adquirir maior importância; o resultado, porém, mostrou-se contrário à expectativa. Não foi possível estabelecer a esperada harmonia entre o dogma e a razão; a dificuldade agravou-se e a polêmica entre Bayle e Leibniz veio demonstrar o malogro da empresa.

Desde então, a Filosofia renunciou à aliança com a Teologia e tomou caminho independente: recusou-se a admitir a imortalidade baseada na revelação e procurou prová-la por meio de seus próprios princípios. Teve esperança de chegar a tanto por meio da análise psicológica, tentativa que não deu bons resultados. Efetivamente, nossa consciência só percebe as transformações do nosso corpo por meio dos sentidos, ao passo que, para provar a imortalidade, é preciso demonstrar que a alma é consciente mesmo sem o corpo.

A Filosofia, tanto quanto a Religião, não pôde, portanto, resolver o problema; e como não é de prever que descubra argumentos novos e mais convincentes, podemos dizer que nada há a esperar desse lado.

Com o nosso maior progresso no conhecimento da natureza, a solução do problema não deu nenhum passo de monta. A idéia da alma reduziu-se a uma função do corpo; a procura do Além nada deu de si. A aparência da abóbada celeste foi ampliada pela astronomia ao espaço infinito.

Parecia, portanto, que quanto mais as ciências físicas se desenvolvessem, menos a idéia da imortalidade tinha possibilidades de sobreviver. Sob o influxo dessa tendência do espírito, a humanidade concedeu importância cada vez maior à vida terrestre, em detrimento da do Além. Toda a civilização atual baseia-se ou ressent-se dessa filosofia. A instrução intelectual fez progressos, mas a moral perdeu a sua base metafísica; daí o perguntarmos aonde nos levará esse afrouxamento da moral. É absolutamente claro que a polícia e o Estado nunca poderão obter moralidade pela força ou pela lei, porque o problema moral é apenas um problema metafísico. A moral só pode basear-se na fé na imortalidade; e como esta tem ainda o seu maior sustentáculo na metafísica cristã, compreende-se que, mal grado as suas

tendências retrógradas, a Igreja ainda possui influência bastante para que as almas temerosas se lhe apeguem como à ancora que pode livrar a sociedade do naufrágio.

Impossível não concluir, com efeito, que sem a renovação da fé metafísica nós vogamos para a degenerescência geral, ainda que com o progresso das ciências físicas a civilização alcance o apogeu.

A extrema importância conferida à vida presente, na qual concentramos todos os nossos interesses, constitui a causa primeira das nossas misérias sociais. Só a crença numa vida futura nos melhorará. Se nos soubermos imortais, não mais consideraremos a vida atual como o nosso fim supremo; e só nesse caso teremos a nossa vida presente correlatada ao bem estar da vida futura, mesmo em detrimento da primeira. O egoísmo terrestre, que exclui o amor do próximo, poderia ceder lugar ao egoísmo transcendental – e isso bastaria para melhorar as condições sociais, porque implica amor ao próximo; um cálculo bem simples mostraria que, se as relações pessoais continuam no Além, quem mais semeia aqui colhe melhor messe na vida futura.

Como, então, poderemos, dados os insucessos precedentes, reconquistar a crença na imortalidade? A Teologia limita-se a afirmá-la sem dar provas; a Ciência Física nega-a redondamente, e a Filosofia, segundo os seus representantes mais eminentes, de Platão a Schopenhauer, hesita entre o panteísmo e o individualismo. Na hora da morte, o sábio e o ignorante encontram-se no relativo à sorte que os espera depois do último suspiro.

Um de meus amigos passou pelo pesar de perder uma filha, o que lhe reavivou o interesse pela questão da imortalidade. Professor universitário, dirigiu-se aos colegas, catedráticos de Filosofia, na esperança de achar consolação em suas respostas. A decepção foi amarga: ele pedia pão; davam-lhe pedras; procurara afirmação, davam-lhe “talvez”.

Assim é que nos achamos diante dum puro escândalo científico, o da ignorância mais absoluta a reinar quanto à solução do mais importante de todos os problemas humanos. Swift, moribundo, exclamava que ia “dar um perigoso salto nas trevas”; cada um de nós ainda pode dizer o mesmo

hoje. O homem mais instruído dos nossos dias, mesmo temperando a educação religiosa com a Filosofia e a Fisiologia, no fim de sua carreira na terra só pode concluir como Fausto: “Vejo que nada podemos saber sobre lá em cima.” E todavia esse homem não pode contentar-se com a negativa; não compreende os que renunciam a resolver o enigma; compreende ainda menos os que, exclusivamente preocupados com os interesses terrestres, nem sequer se dão ao trabalho de informar-se sobre a existência dum problema metafísico, e assim baixam a sua consciência pessoal ao nível da dos animais. Não se contenta esse homem com olhar a vida como hábito; não consegue sufocar em si a intuição inata duma outra vida que o assusta; e como as ciências oficiais não podem informá-lo sobre o Além, em vez de renunciar à pesquisa ele faz como Fausto: entrega-se à magia.

A magia era uma das disciplinas professadas nas universidades da Idade Média; hoje não a temos nos programas. O professor moderno, ao contrário de Fausto, considera a magia como superstição.

Não estará, entretanto, esse ocultismo que nossas universidades renegam demonstrado pelas duas premissas que até mesmo um fisiologista é forçado a admitir?

1º- Nossas ciências naturais ainda não disseram a última palavra, e a natureza esconde muitas forças e leis que ainda ignoramos.

2º- Essas forças não nascem no momento em que as descobrimos; não teriam sido descobertas se já não existissem.

Forçoso é concluir, logicamente, que há fenômenos naturais produzidos por forças desconhecidas, cuja natureza ignoramos. Esses fenômenos devem ter-se produzido em todos os tempos, em todos os países e em todas as fases da evolução científica. Também o nosso século tem os seus fenômenos ocultos, a sua magia, de que não se pode dizer que “talvez” exista, porque existe “necessariamente”. A magia tem por fim estudar as forças latentes que podem existir no homem e nas coisas, e determinar suas relações mutuas. O homem, a criatura mais complexa que conhecemos, deve ser considerado um microcosmo em que se acham concentradas todas as forças do macrocosmo. Possui necessariamente forças ocultas de que não tem conhecimento e que não

pode empregar a seu talante, mas que pode fazer sair do estado de latência desde que conheça as leis que as regem. É assim, por exemplo, que os sonhos proféticos se apresentam espontaneamente, mas não podem produzir-se segundo o nosso desejo.

A Psicologia moderna engana-se em não querer absolutamente tomar em consideração as forças ocultas. Estuda só a de que temos consciência que podemos empregar à vontade. Não sendo mais que uma psicologia de experiências conscientes, só abrange metade do seu domínio. Nossa consciência, que se sintetiza no cérebro e se estende a todo o corpo por meio do sistema nervoso, não pode, de modo nenhum, informar-nos sobre a questão da existência e da natureza da alma. Se a alma existe, temos de procurá-la fora da consciência cerebral; porque nela apenas achamos metade do que por definição é o homem. Como as forças ocultas do homem não nascem de sua natureza física, seu cérebro não pode ter consciência dessas forças; elas procedem necessariamente de um ser especial, do homem oculto – e eis aqui uma consideração muito importante para o problema da imortalidade. A Psicologia moderna, efetivamente, só trata da questão da imortalidade no que se refere ao homem considerado como ser físico; mas é forçoso abordar a questão do homem considerado como ser oculto. Desnecessário dizer que a Psicologia oculta parte da admissão da existência de um ser transcendental, que não participa das peripécias do corpo e, por conseguinte, não é influenciado pela morte.

Existe um mundo transcendental: o que não podemos perceber por meio dos sentidos físicos. Possuímos em nós um homem transcendental: parte de nosso ser que se acha além da consciência cerebral. O mundo transcendental, comumente chamado o Além, é tão real quanto o mundo visível, e as relações das coisas no Além estão submetidas a leis exatas, tal como se dá no mundo físico. É a essas leis exatas que o nosso ser transcendental (a nossa alma) está submetido, e são os fenômenos daí derivados o que o ocultismo estuda. A essa ordem de fenômenos pertencem o Sonambulismo e o Espiritismo – os dois principais domínios da magia moderna.

Como criatura terrestre, o homem compõe-se de alma e corpo. Embora a consciência cerebral só abranja metade do nosso ser, isto é, o corpo, torna-se evidente haver nele apenas um limite subjetivo, e é de supor que, em casos anormais ou extraordinários, esses limites possam ser transpostos. Ao verificar tais casos estaríamos em condições de adquirir algum conhecimento sobre as relações que possam existir entre as propriedades ocultas das coisas e o que há de oculto em nosso ser. Teríamos assim conhecimento, nesta vida, da natureza da nossa alma e do seu modo de existência no Além.

Isto se produz no sonambulismo; e já que podemos transpor a fronteira física para entrar no mundo transcendental, por que os seres do Além não poderiam, eles também, transpor essa fronteira para entrar em relação conosco? Com o sonambulismo, penetramos no mundo dos espíritos; com o espiritismo, são os espíritos que penetram no nosso. Tal é a definição dos dois principais fenômenos da magia moderna.

Depois destas explicações, não se espantará o leitor de me ver sustentando que o velho problema da imortalidade e da vida futura, que permaneceu sem solução até nossos dias, é, entretanto, susceptível de encontrar solução baseada nas pesquisas novas. Logo, é à magia que temos de nos dedicar. Não achamos a solução na Psicologia física; devemos portanto procurá-la na Psicologia oculta. E é lá, com efeito, que a acharemos.

Cumpramos insistir sobre o fato de que essa solução é necessária à humanidade para que o desânimo atual se substitua pela certeza que levanta os corações. Vemos os povos mais civilizados de hoje perderem a fé na vida futura ao mesmo tempo em que abandonam os dogmas religiosos. Vemos também que os negadores da fé, em vez de procurar apoio na Filosofia (que aliás nunca deitará raízes nas massas), caem nos braços do materialismo, o qual não se limita a ser uma convicção teórica, mas insinua-se na vida prática. A Ciência não tem podido combater essa corrente, e sua asserção de que a Psicologia e a Metafísica conseguirão um dia provar a imortalidade não traz remédio aos males do presente. Só o ocultismo tem forças para enfrentar o perigo; só o ocultismo dá ao homem o conhecimento de sua natureza metafísica e com ela a

segurança de sua dignidade como ser imortal. O ocultismo não exige do ser pensante a fé cega em dogmas a que faltem provas; excita-o, pelo contrário, a servir-se de sua inteligência para examinar os fatos e tentar experiências psicológicas que provem a sua imortalidade. É, portanto, pelo ocultismo que o homem solverá, pessoalmente o problema a que a Religião, a Filosofia e as Ciências Físicas não puderam achar resposta, o problema de que depende a salvação da humanidade na Terra e ainda a sua salvação na vida futura, porque só saberá conduzir-se na vida atual com vistas à vida do Além aquele que tiver admitido a realidade desta última. Sem a semente aqui, não haverá colheita no Além.

Encaremos de início o problema da imortalidade: vamos prová-la com o auxílio de fatos experimentais.

O meio mais simples seria recorrer às experiências espíritas, já que elas provam a sobrevivência dos mortos; mas embora eu muito aprecie o valor destas provas, ainda não considero o espiritismo uma Ciência experimental, pois não podemos contar com o êxito absoluto de suas experiências. O homem vivo é um elemento mais seguro do que um desencarnado quando se trata de experimentação. Temos, pois, de basear nossas provas em fatos constatados pela experiência nos vivos.

Quando a homem morre, nenhum sinal exterior denuncia a separação entre a alma e o corpo. Vemos cessar um, mas não vemos surgir outro. Vemos a vida extinguir-se, a anestesia estender-se por todo o corpo, o qual, depois disso, se decompõe. Esse é o “processus” que a nossa experiência constata desde que o homem existe sobre a Terra.

Nada há aí, entretanto, que nos impeça de admitir que a morte tenha um reverso, um lado que só escapa às nossas experiências porque os nossos sentidos não o podem perceber, mas que, se existe, garantirá a sobrevivência da individualidade. É certo que a experiência nos prova a anestesia do corpo, mas não prova que esse anestésico corresponda à privação completa da faculdade de sentir, e se considerarmos os estados análogos, sentimo-nos tentados a negá-lo. Ficamos quase anestesiados durante o sono normal, e o sono hipnótico é acompanhado duma tal anestesia, que os médicos aproveitam-na para executar as operações cirúrgicas mais difíceis. A sensibilidade, entretanto, está apenas



paralisada, não destruída, pois que se restabelece a si própria ao despertar. É preciso, portanto, que estudemos muito bem o sono, esse “irmão da morte”, sobretudo o sono artificial, extremamente parecido com a morte. Temos de estudar no homem vivo o em que se torna a sua sensibilidade quando mergulhado nessa morte aparente, e ver se a resposta à nossa experiência não poderia informar-nos sobre o em que se torna o princípio vital quando somos atingidos pela morte definitiva.

Estudada a questão relativa ao que se passa durante a anestesia do sono artificial, ficou provado que esse “irmão da morte” possuía, efetivamente, um “reverso”, que havia escapado à observação científica por não ser perceptível aos nossos sentidos.

Foi sobretudo Albert de Rochas quem contribuiu para a solução do problema. Fez um estado especial da anestesia dos sonâmbulos e provou de modo indubitável que a anestesia do corpo não formava mais do que metade do processo, e que a outra metade, embora escapasse à nossa vista, se prestava também à experimentação. Provou que durante a anestesia a sensibilidade não é destruída, nem mesmo suprimida, mas simplesmente transferida “para fora” – exteriorizada!

Durante o sonambulismo, os eflúvios ódicos fogem do corpo do adormecido levando a sensibilidade, de sorte que a picada de uma agulha, que não é em absoluto sentida pelo corpo anestesiado, faz-se por ele sentida quando as camadas ódicas exteriorizadas recebem a picada. Essa experiência demonstra de modo claro que a supressão passageira da vida corporal se liga a um processo psíquico que é a exteriorização de um princípio vital, o qual continua a sua existência independente do corpo, quando dele está separado.

Essa experiência, feita com um ser vivo, esse fenômeno produzido artificialmente durante um estado que se assemelha ao da morte, nos dá direito indiscutível de supor que o mesmo processo se desenvolve depois da morte natural – visto que a alma se destaca do corpo.

Não posso mencionar aqui, mesmo sumariamente, as experiências que de Rochas empreendeu; indicarei apenas os escritos desse inigualável observador. Suas experiências, levadas a efeito com minuciosos cuidados, foram reconhecidas exatas por vários outros

investigadores. Demonstraram que a nossa sensibilidade absolutamente não adere aos órgãos corporais, mas, pelo contrario, está concentrada no Od de que o nosso corpo se embebe. Esse Od pode exteriorizar-se durante a vida do homem, e a experiência prova que nesse caso ele guarda sensibilidade primitiva.

Temos, portanto, o direito de admitir que a exteriorização do principio vital se dá igualmente depois da anestesia da morte; podemos supor que ao morrer o homem ódico se destaca definitivamente do envoltório carnal. Damos assim um grande passo para a imortalidade; teremos achado um veículo independente do corpo, uma consciência independente dos órgãos físicos.

É verdade que as camadas ódicas exteriorizadas ainda não constituem uma alma. Para chegarmos até esta somos forçados a recorrer a outros fenômenos ocultos. Todos os eflúvios ódicos do homem vivo, quer se apresentem de modo espontâneo, quer pelo efeito da vontade, pertencem a essa categoria. Um dos primeiros fenômenos de que se ocupou o ocultismo foi o magnetismo animal, o qual prova que o Od exteriorizado é o portador da força vital. É preciso, portanto, admiti-lo como fazendo parte da alma, visto que o magnetismo tem por fim restabelecer a saúde em um corpo doente – “magnetizar é transferir força vital”.

Quis o acaso que fosse um médico, Mesmer, quem descobrisse o magnetismo animal. Por essa razão este foi encarado como ramo da Medicina e estudado em seus efeitos orgânicos. Mas como esses efeitos são muito variados e bastante complexos, a Medicina oficial recusou-se a admiti-lo, tornando-o objeto de discussões sem fim. Reichenbach transferiu o exame para o domínio da Física – e lá as provas foram menos sujeitas a controvérsias.

(Pode-se sumariamente constatar a realidade do magnetismo animal por diversos meios:

1º- as mudanças fisiológicas operadas no corpo do doente submetido à sua influência;

2º- os eflúvios luminosos que o magnetismo produz; os sensitivos vêem os luars ódicos num quarto escuro, quando em estado de vigília;

os sonâmbulos os vêm no estado de sono, sem necessidade de recorrerem à câmara escura;

3º- diversos fenômenos de movimento que o magnetismo produz, como o desvio da agulha imantada, a rotação das mesas etc.;

4º- impressões registradas em chapas fotográficas. A questão tem sido muito bem tratada ultimamente, mas continua-se a negar o magnetismo como se nada houvesse sido verificado.)

Os médicos repetem, sem refletir e sem estudo da questão, que todos os efeitos do magnetismo não passam de produtos da sugestão. Sustentam que o doente não deve a cura a um fluido vital, mas simplesmente à influência de uma sugestão estranha. Objeção da mais alta ingenuidade, porque a sugestão não pode dar ao doente mais que uma idéia, um conceito; e a idéia por si mesma não pode produzir cura. Só o poderá fazer no caso do cérebro do doente dispor de bastante força vital para que a sugestão auxilie a condução dessa força vital para a parte do corpo que a necessita.

A cura pelo magnetismo animal opera-se por meio do fluido vital do magnetizador, por ele transferido a um organismo estranho. A cura pela sugestão opera-se graças ao fluido vital do próprio doente, fluido que a sugestão põe em movimento e encaminha para a parte enferma do corpo. Eis a diferença única entre os dois tratamentos.

Quem admite a possibilidade de obter uma cura por meio da idéia, sem nenhuma força ativa, intermediária entre o cérebro e a parte doente do corpo, tem que admitir também a possibilidade de efeitos sem causa. Impossível, portanto, substituir o magnetismo pela sugestão, a qual equivale a uma nova prova da realidade do magnetismo animal.

No magnetismo animal a alma se mostra inicialmente como força vital, como princípio da vida; mas certos fenômenos revelam que esse princípio vital é idêntico ao suporte da consciência. Observe-se isso que se chama relação entre o magnetizador e a pessoa magnetizada, ou, em outras palavras, entre a fonte ódica e o Od exteriorizado; há no fenômeno uma identidade de estado psíquico que só pode explicar-se por uma troca ódica.

Outros fenômenos ocultos igualmente provam a existência do fluido magnético, e podemos até dizer que o magnetismo animal é a chave da magia.

Tomemos, por exemplo, a transmissão do pensamento. Esse fenômeno dá-se, em geral, quando o paciente está mergulhado em sono magnético ou hipnótico; e dificilmente quando em estado de vigília. Trata-se aqui de fatos firmados por observações e experiências inumeráveis. A transmissão do pensamento seria um milagre, estaria fora da lei da causalidade, se não admitíssemos um agente condutor, como o fizemos para o magnetismo e a sugestão. O pensamento deve determinar uma vibração do éter, que, nascendo no cérebro daquele que pensa, se reproduz no do que percebe. A transmissão do pensamento não é, assim, mais do que uma espécie de telepatia ódica, e mesmo aqui vemos o espírito vital identificar-se com a alma pensante. Se negarmos os eflúvios magnéticos e não admitirmos serem eles os transportadores do pensamento, teremos uma telepatia sem intermediário, o que, como declarava Newton a respeito da gravitação, seria um absurdo.

Se, portanto, está provado que o princípio vital pode exteriorizar-se, é evidente que o homem pode projetar a forma vital de seu corpo: isto é, que as camadas ódicas exteriorizadas são capazes de reproduzir a forma física desse corpo.

Assim, graças ao magnetismo, e pouco a pouco, chegamos a compreender o corpo astral de que falam os místicos. Não é apenas a forma ódica e essencial do corpo humano, mas também o portador das forças ocultas que a magia do ocultismo nos revela.

O corpo astral denuncia-se em vida do homem pelas sensações ditas “de integridade”, que acompanham a amputação dum dado membro, tema que já desenvolvi em outra obra. A propósito, cumpre observar que vários magnetizadores admitem que podem influenciar seus doentes magnetizando a prolongação astral dos membros cortados. Teríamos a certeza dessa permanência da integridade da forma astral se se pudesse provar que ela também se manifesta no fantasma dos defuntos. Fidler escreveu sobre o tema. Numa sessão de grande importância realizada em Gotenburgo, fotografou-se o fantasma de um homem falecido na

América, dizia ele, três dias antes. Tomadas as informações, constatou-se a veracidade da afirmativa. A fotografia era semelhante; apenas a pessoa em questão não usava barba em vida, ao passo que a fotografia mostrava a barba observada em sua materialização. Era uma barba ódica, que a navalha não cortava.

Um passo mais e depararemos fenômenos em que a exteriorização completa do corpo se torna visível. Isso se dá no “desdobramento”. Encontramos nos escritos da antiguidade muitas referências ao “duplo”.

Como já tratei deste assunto em outro livro, só lembrarei aqui um caso recente, muito bem certificado – o da jovem Emilie Saget, cujo corpo astral foi visto por todo um pensionato de meninas durante todo o tempo em que ela permaneceu nessa instituição. Geralmente o fantasma reproduzia os gestos da moça, mas agia às vezes de maneira independente; passeava, por exemplo, enquanto a moça estava no leito.

O corpo astral também se torna visível e age telepaticamente entre os moribundos ou pessoas de espírito violentamente agitado. Esses casos são de tal modo freqüentes que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres pôde reunir 700, todos observados em nossos dias.

É notável que o duplo, em seu estado de exteriorização, apresente semelhança chocante em sua maneira de ser e na aparição e desaparecimento como os fantasmas obtidos na sessão de materialização. Podemos concluir daí que o desdobramento é um estado provisório do que acontece no momento da morte, isto é, que a morte conduz à exteriorização do nosso corpo astral, o qual conserva a forma do nosso corpo físico.

Na experiência de Albert de Rochas, primeiro as camadas ódicas se exteriorizam, depois o fantasma se forma. Nas sessões espíritas constatase muitas vezes que primeiro aparece uma luminosidade das proporções dum prato, uma espécie de bola luminosa, e disso pouco a pouco se forma o fantasma. Estas observações contemporâneas concordam inteiramente com as que encontramos no mais remoto livro de Fausto. Podemos, pois, concluir, como de resto outras obras o provam, que Fausto foi um médium que, de acordo com as idéias medievais, tomava o fantasma pelo diabo.

Essas bolas luminosas que precedem a aparição dos espíritos ou fantasmas aparecem em quase todas as histórias de almas de outro mundo, bem antes de surgido o espiritismo. Fala Plutarco de um homem com catalepsia que voltando a si contava ter visto as almas dos defuntos como bolas luminosas, que rebentavam, deixando escapar a alma sob mais bela forma humana. Tertuliano conta da sonâmbula que dizia que a alma lhe aparecera sob forma visível e palpável, mas transparente. Em nossos dias o Doutor Baraduc adormeceu uma das sonâmbulas e procedeu à exteriorização da sua sensibilidade, até o ponto de fazer perder todo o conhecimento de sua pessoa terrestre. Quando lhe perguntou em que estado se achava, a sonâmbula respondeu que se sentia uma bola luminosa no meio das trevas. Durante as experiências feitas por de Rochas com o médium Laurente, disse este que seu duplo procurava tomar a forma de uma bola luminosa.

Quando Laurente foi adormecido ao mesmo tempo em que Mme. Mireille, viu o duplo dessa dama qual uma coluna luminosa que logo se transformou em bola, conservando uma espécie de cauda análoga aos cometas.

Todas essas experiências se acham, evidentemente, em conexão íntima; mas vemos sempre como última fase de exteriorização ódica a formação de um fantasma com forma humana. A certeza de que o corpo astral exteriorizado é suscetível de vida independente força-nos a apreciar as belas palavras do padre Steinmetz, que, vendo o duplo no jardim, sentado no seu lugar favorito enquanto se achava no quarto em companhia de alguns amigos, lhe disse, apontando-se primeiro com o dedo e depois indicando o seu duplo sentado no jardim: “Aqui está o Steinmetz mortal e lá Steinmetz imortal.”

A Fisiologia nos mostra que o processo vital do nosso corpo consiste numa renovação contínua dos átomos que o compõem; de sete em sete anos o corpo se renova completamente. O mesmo se dá com o corpo astral, que se renova pelos eflúvios ódicos submetidos a uma flutuação contínua. Eis porque por toda parte deixamos os indícios ódicos de nossa passagem. Conta-se que quando a senhorita Sagée deixava a cadeira, via ainda o seu duplo nela sentado.

Um passo mais na via das provas da existência do corpo astral e chegaríamos a constatar a sua objetividade por meio de chapas fotográficas.

Houve tentativas para fazê-lo. Cumpre notar que na prova não há necessidade do testemunho direto de nossos olhos, pois sabemos que a chapa fotográfica é mais sensível do que a retina humana e que registra impressões absolutamente imperceptíveis pelo nervo ótico. “Verificou-se que a fotografia do duplo reproduzia os gestos do médium”, diz o relato da experiência. Obtivemos o retrato do médium na pose que ele assumira 10 ou 15 minutos antes de aberta a objetiva, quando ele se achava a distância, entre a máquina fotográfica e o fundo. Examinada a fotografia obtida, verificou-se que o médium tinha deixado o seu duplo nesse ponto, em que poderia ter sido percebido por um vidente, caso lá houvesse um naquela ocasião. Em outro caso Curzio Paolucci tirou a fotografia de um grupo de 3 pessoas. Revelada a chapa, verificou-se por trás do grupo uma quarta pessoa. Era o duplo do auxiliar do fotografo que lá estivera, pouco antes da operação para arranjar a pose do grupo.

É certo que as pessoas de crenças ortodoxas, bem como os filósofos espiritualistas, ficarão decepcionados à idéia de que alma possui um corpo ódico. Como consideram a alma um puro espírito, têm que admitir que só nessa condição ela poderá viver no Além. Mas os fisiologistas lhes responderão que não se pode conceber espírito puro sem corpo, assim não pode conceber-se um espírito, uma força, sem base material. Não temos, com efeito, nenhuma noção de espírito puro, e a fotografia transcendental nos prova que um corpo astral pode existir aos nossos olhos. Todas as existências de que o ocultismo trata mostram-se unidas a um corpo astral, aparecem como um corpo definido, que em certos casos se condensa até o ponto de materializar.

Os antigos não chegaram a ter idéia do espírito imaterial. Os deuses, os bons e os maus demônios, assim como as almas dos mortos, sempre foram imaginadas com um corpo. Os gregos distinguiram um corpo interior do corpo exterior, e Platão, no Fédon, fala de um “somatoid” que a alma leva para o Além. Igualmente encontramos a doutrina do corpo astral entre os corifeus da Igreja. Diz Orígenes que nenhum ser criado é

imaterial e Tertuliano chega a dar ao próprio Deus uma certa materialidade.

O corpo astral é também continuamente mencionado nas obras filosóficas. Leibniz diz “Creio, com a maior parte dos antigos, que todos os espíritos, todas as almas, todas as substâncias simples, ativas, estão sempre unidas a um corpo e que nunca existiram almas completamente desprovidas de corpo”. Fichte, o moço, fala igualmente de um corpo etéreo, e Heillenbach de um meta-organismo. É ainda a isso que São Paulo se refere quando fala em corpo espiritual; o que a vidente de Prévorst chama o fluido nervoso e os espíritas designam sob o nome de perispírito. Entre os antigos egípcios a designação do corpo astral era Ka; entre os Hindus Sharira. Os cabalistas diziam Nephesch e Paracelso o denominou Evestrum. Os ocultistas da Idade Média estavam de acordo sobre esse ponto: que o “fluido vital” penetra todo corpo humano, assim o homem contém o seu duplo etéreo – corpo astral que pode agir à distância. E finalmente, a credence atribui a todos os fantasmas um corpo que não projeta, isto é, transparente para raios luminosos.

A Ciência Física moderna negou o corpo astral entre os vivos. É verdade que há nisso um processo transcendental que escapa à nossa observação direta durante a experiência, da mesma forma que a exteriorização espontânea do corpo astral no momento da morte. Podemos, entretanto, controlar experimentalmente a marcha do fenômeno. O grande mérito de Rochas reside em ter aberto a rota em que a Ciência Física achará as provas experimentais da imortalidade.

Reichenbach mostrou que num quarto escuro os sensitivos se tornam hiperestésicos e podem, nessas condições, ver os eflúvios de diversas substâncias, especialmente as do corpo humano. Pode ser provocada artificialmente essa hiperestesia mergulhando no sonambulismo o paciente A. Esse paciente verá, então, os eflúvios que se destacam do paciente B. Se agora adormecermos magneticamente o paciente B, A verá formar-se em torno dele uma nuvem ódica, que se estratificará em camadas luminosas paralelamente à superfície do corpo. É verdade que o experimentador nada vê, mas se o paciente lhe indicar onde se acham as camadas ódicas, ele pode convencer-se de sua existência pela



sensibilidade que elas denotam quando cutucadas, pinçadas ou esfregadas de qualquer maneira.

Se o sono do paciente B torna-se mais profundo, então camadas ódicas se formam em torno de seu corpo e podem afastar-se dele a uma distância de vários metros. Essas camadas condensam-se pouco a pouco sobre os dois lados do paciente, a ponto de formar a metade de um fantasma que à sua direita, à distancia de mais ou menos um metro, toma a forma do lado direito do corpo de B e parece de coloração azulada. A sensibilidade do paciente concentra-se agora nesse fantasma, que imita todos os movimentos do corpo material que acaba de deixar. O mesmo processo se dá do lado esquerdo; apenas o fantasma toma aqui uma coloração avermelhada. Depois de algum tempo esses dois fantasmas se reúnem fora do corpo carnal, formando um ser único, mas cada lado conserva a sua coloração respectiva.

Reichenbach pôde observar esses eflúvios polarizados, azul e vermelho, a se destacarem também das plantas, dos cristais e do ímã. Quem não for bastante sensível não pode ver o fantasma, mas pode senti-lo, porque o contato com ele produzirá uma sensação de frio e de sopro.

Os mesmos fenômenos são observados nas sessões espíritas. É, portanto, provável que as causas que os produzem sejam idênticas.

O paciente B, mergulhado assim num sono profundo, sente-se incapaz de movimento, mas pode, por efeito de sua vontade, dividir ou reunir as duas metades do fantasma e fazer moverem-se. É talvez isso o que se dá nos fenômenos de bilocação ou trilocação, de que há tantas referências na mística cristã e em outras. O corpo astral exteriorizado do paciente B pode ser remetido, por efeito de sua vontade, para um lugar remoto – e pode ter consciência do lugar onde se acha. Isto explicaria a clarividência dos sonâmbulos.

Como o corpo astral exteriorizado é imaterial, escusa dizer que pode passar através da matéria, que para ele não representa nenhum obstáculo: Pacientes há que podem acompanhar conscientemente o processo da exteriorização do corpo astral e descrevê-lo sem dificuldade. O coronel de Rochas não duvida que, se pudesse dar continuidade às experiências

com os seus pacientes até o ponto de deixá-los em estado de anestesia total, obteria a condensação do corpo astral exteriorizado de maneira que este pudesse ser visto por todos os assistentes. Conhecendo, porém, os perigos que acompanham essas experiências, absteve-se de prosseguir, para não prejudicar os pacientes. Abandonava a experiência cada vez que o paciente parecia perder a força de falar e não podia mais tomar conhecimento das suas impressões.

Para não se ater exclusivamente às comunicações feitas pelos pacientes A e B, de Rochas promoveu outras experiências, capazes de o convencer e de confirmar as comunicações dos primeiros. Enfiando uma agulha no dedo do fantasma azul, pela relação magnética que existe entre este e o paciente, a picada foi transferida para o corpo adormecido. Apareceu no dedo do paciente um estigma no lugar exato em que a picada fora feita no duplo, e uma gotinha de sangue brotou. Outra vez quis controlar o relato feito pelo paciente sobre algo que este pretendia ver. De Rochas dirigiu a máquina fotográfica pra o lado do fantasma azul, e a chapa revelada mostrou exatamente os sinais descritos pelo paciente A.

De Rochas obteve essas exteriorizações do corpo astral de pessoas vivas, seja por meio de passes magnéticos, seja adormecendo-as com auxílio de uma corrente galvânica, ou ainda com as máquina elétrica de Wimhurst. Fez também as experiências de trás para adiante, e então o fantasma inteiro se dividiu em duas metades que depois reentraram e desapareceram no corpo do paciente.

Outra vez adormeceu dois pacientes ao mesmo tempo: Mr. Laurent por meio de uma corrente elétrica e Mme. Mireille com passes magnéticos. Os dois pacientes adormecidos informaram-se então sobre a exteriorização do corpo astral um do outro. Laurent viu o duplo de Mme. Mireille, de uma brancura fulgurante. O fenômeno era invisível para de Rochas, que só teve a impressão de um sopro frio, o que o levou a fechar a porta, julgando tratar-se de uma corrente ar. Mas Mme. Mireille lhe disse que a sensação provinha do fato de o duplo ter-se colocado ao lado dele. De Rochas pediu, então, que os duplos passassem de uma para o outro; essa experiência teve como efeito que, depois de despertarem, os

dois pacientes se sentiram em grande simpatia mútua, ao passo que era justamente o contrário o que antes acontecia.

E desde então, além disso, eles se acharam em relação magnética. Quando se tocava em Mme. Mireille do lado direito, Laurent o sentia do lado esquerdo. Eram os lados que se haviam misturado durante o contato dos duplos.

A mesma simpatia vemos estabelecer-se entre os sonâmbulos e o magnetizador, entre o médium e o fantasma; puro efeito do intercambio ódico. Portanto, se os fantasmas espíritas estão sujeitos às mesmas leis que os fantasmas dos vivos, parece evidente que os primeiros são, de fato, o princípio vital dos defuntos.

As experiências do coronel de Rochas, tão extraordinárias e interessantes, ainda não vieram, infelizmente, ao conhecimento do público. Escreveu-me ele que não sabe quando poderá publicar o seu livro, que quer intitular: “Os fantasmas dos vivos e as almas dos mortos”. Mas os fragmentos que acabo de publicar revelam o objetivo último das suas experiências: a reprodução pela fotografia da exteriorização do duplo, ou do corpo astral dos vivos.

Essa exteriorização artificial não é mais do que a cópia do que se produz no estado natural do êxtase.

Cardano, que a partir dos 55 anos podia à vontade entrar em êxtase, descreve-nos da seguinte maneira essa exteriorização astral: “Quando entro em êxtase, tenho perto do coração como que o sentimento de que a alma se destaca do corpo; essa separação se reproduz em seguida por todo o corpo, sobretudo na cabeça e no cérebro.” Durante o êxtase, Cardano não sentia a gota que tanto o torturava no estado ordinário, porque toda a sua sensibilidade se exteriorizava.

Se examinarmos o que se passa no momento da morte, observaremos um fato semelhante ao que ocorre durante a exteriorização artificial, a saber: anestesia do corpo. Se partimos do axioma de que não devemos multiplicar inutilmente demonstrações, teremos o direito de explicar a anestesia da morte de maneira idêntica à produzida pelo sono artificial. Já vimos que a sensibilidade não adere ao corpo físico, mas é imanente ao corpo astral.

Disso resulta que no momento em que se constata uma anestesia, produz-se ao mesmo tempo uma exteriorização. Vemos igualmente entre os moribundos produzir-se um fenômeno oculto observado entre a telepatia, a aparição à distancia de fatos demonstrados de modo incontestado nos Anais da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres, sob o título “Phantasms of the Living” (Fantasmas dos vivos) .

É característico de todos os fenômenos ocultos que eles só podem ser explicados pela exteriorização do corpo astral, ou pelos seus eflúvios. De todas essas demonstrações podemos concluir pela explicação da anestesia da morte como idêntica ao estado provisório dos sonâmbulos, isto é, pela exteriorização do corpo astral. Além disso, como vimos da experiência que no momento da morte o corpo fica inanimado, cumpre admitir um segundo processo, que não percebemos por ser transcendental: a desencarnação da alma.

A morte torna-se então a essenciação ódica do homem; porque o Od não é somente o portador do principio vital, mas é também o portador da força organizadora, da sensibilidade, da consciência e do pensamento. É portanto, o ser psíquico inteiro que participa da exteriorização.

A Ciência Física tem o mérito de haver riscado o sobrenatural dos estudos sobre o Universo; mas ultrapassou os seus direitos querendo ao mesmo tempo negar o lado transcendente da Natureza. Seu erro refletiu-se na doutrina grosseira do materialismo, que só considera real o que pode ser verificado pelos sentidos. Mas o desenvolvimento biológico dos nossos sentidos, em todos os tempos, demonstra que a realidade não corresponde à percepção sensorial, e não temos nenhuma razão para crer que a realidade se limite ao círculo estreito do organismo humano. O transcendental foi e será sempre uma grandeza incomensurável – e não há razão para que se esgote com as formas criadas que existem.

A Ciência Física, negando o sobrenatural, mas reconhecendo o transcendental, recusar-se-á a admitir que o homem possa sobreviver como espírito puro; mas não pode recusar-se a admitir uma existência transcendental, se esse espírito mostrar-se revestido de corpo material. Tudo aqui depende da experiência, Pode ser que existam seres incapazes de condensação material suficiente para a percepção da retina; outros

haverá, talvez, que não podem perceber o homem no seu envoltório material. O fisiologista tem o direito de negar que o homem se torne um ser sobrenatural depois da morte, mas não está impedido de admitir que nós nos revistamos numa forma transcendental. Negará que, ao morrer, o homem adquira um corpo novo; mas estudará a questão da imortalidade quando puder ser demonstrado que possuímos um corpo astral conservável depois da morte, isto é, quando escapar do corpo físico.

Se, portanto, possuímos faculdades ocultas que residem nesse corpo astral em estado latente, e essas faculdades se desenvolvem e se destacam assim que o liame entre o corpo astral e o corpo físico se relaxa, como no caso do sonambulismo, então o fisiologista admitirá que essas faculdades latentes permaneçam depois da morte e que o seu poder ganhe em intensidade, pois que, em lugar de um relaxamento do liame entre o corpo astral e o corpo físico, houve a separação, a exteriorização definitiva do corpo astral. Essa separação total corresponderia a uma transposição para outro mundo, e seria então o caso da continuação da nossa existência como seres transcendentais, na região transcendental deste mundo. O fisiologista que conhece os fenômenos de exteriorização não negará a aparição espontânea do duplo, e admitirá que podemos conservar essa faculdade e dela nos servirmos na hora da morte. Será, portanto, forçado a tornar-se espírita; e o materialismo, que nos ensina que a alma é um simples produto do organismo, perderá sua base quando ficar demonstrado que o organismo apenas serve de intermediário à alma, que nossa vida terrestre não é a única forma de existência, que não é, mesmo, a forma normal da vida; e que, capazes como somos de pensar e sentir sem a necessidade da mediação do corpo físico, podemos também dispensar inteiramente essa mediação. Quer isso dizer que os problemas da imortalidade entram doravante para os domínios da Ciência Física. Tanto melhor, já que nem a Religião nem a Filosofia foram capazes de preservar a humanidade do materialismo teórico e prático.

A própria Igreja mostrou-se aliada do materialismo, protegendo numerosas instituições que não passam de exploração para os crentes, gravando de impostos o nascimento e a morte e abandonando as obras de

beneficência aos cuidados de particulares e do Estado. Mas o fenômeno da exteriorização aniquilou completamente o materialismo e deu prova da imortalidade independente da Religião e da Filosofia – e até mesmo do Espiritismo.

Em todo caso a sobrevivência dos mortos e a possibilidade de comunicação com os defuntos permanecerão sempre em complemento das prova da imortalidade obtidas experimentalmente no homem vivo. O espiritismo, tal como se apresenta em nossos dias, não está a altura de sua missão, porque não se trata apenas de provar a aparição dos espíritos, é preciso dar provas de sua identidade. E antes de tudo surge a pergunta sobre se temos o poder de influenciar a vontade dos defuntos, porque o espiritismo ganharia muito terreno se pudéssemos evocar os espíritos e regular as suas aparições.<sup>1</sup>

Em vista da similitude transcendental dos espíritos e do nosso próprio ser interior, há mais facilidade para o encontro de solução se recorrermos a experiências com os vivos. É preciso primeiramente estudar em que condições psicológicas estes vêm aparecer os fantasmas dos vivos; examinaremos depois a questão da possibilidade de entrarmos em contato com os fantasmas dos defuntos nessas mesmas condições. Daríamos um grande passo para elucidar a questão da Psicologia transcendente se desse modo conseguíssemos relacioná-la ao espiritismo e constatássemos que a causa psicológica da exteriorização do duplo entre os vivos é a mesma que determina a aparição dos fantasmas espíritas, porque então a linha estaria traçada e a via indicada para a condução das experiências psicológicas com sucesso.

Possuímos inúmeros relatos sobre o desdobramento, e em todos observamos um sinal característico: é sob a impressão de uma forte agitação moral, ou de uma preocupação intensa, concentrada numa idéia fixa, que vemos o duplo de um homem destacar-se do corpo físico. Eis porque tão freqüentemente sucede que o duplo apareça no lugar para onde o monoideísmo do pensamento, ou o sentimento, o dirigiram. Esse fenômeno só é raro porque parte da consciência cerebral e é preciso um choque muito forte para comunicar ao centro psíquico o meio de

destacar-se do envoltório físico, e também que as ligações do ser físico com o ser astral estejam sensivelmente relaxadas.

Esse mesmo monoideísmo seria a causa da aparição dos fantasmas dos defuntos em lugares para onde os seus pensamentos os manda. Como já não possuem corpo físico, têm maior facilidade para transportar-se aos lugares para onde o desejo os impele.

Trata-se agora de examinar se podemos substituir esse ato de auto-sugestão monoideísta que produz a exteriorização do duplo, por qualquer coisa análoga. Possuímos uma série de provas de que a sugestão estranha pode produzir absolutamente os mesmos efeitos que a auto-sugestão. A sugestão estranha é um monoideísmo artificial com a vantagem sobre a outra de poder dar sugestões pós-hipnóticas, isto é, que não produzam efeitos num prazo fixado de antemão.

Poder-se-ia neste caso fazer uma sugestão pós-hipnótica a um moribundo, e essa influência psíquica daria evidentemente como resultado a aparição do fantasma do defunto em lugar e hora pré-indicados. Não há nisso mais do que a conseqüência lógica do fato da identidade entre a essência do fantasma dos vivos e a dos defuntos, e do valor igual do monoideísmo provocado pela auto-sugestão ou pela sugestão estranha. Já possuímos fatos que confirmam as conclusões acima expostas, mas o processo psicológico nunca foi bastante claro para nos permitir obter provas experimentais.

Tanto na literatura antiga quanto na moderna, como por exemplo, nos *Phantasms of the Living*, encontramos inumeráveis narrativas de casos em que, no momento da separação, ou sob a impressão intensa de um afeto profundo, uma pessoa promete a outra se mostrar depois da morte; e isso se realiza, seja na hora da morte, seja algum tempo depois. Trata-se de sugestão pós-hipnótica estranha. São estes casos, todavia, bastante difíceis de reproduzir-se, porque a sugestão estranha pode desfazer-se – e no momento da morte o moribundo é ordinariamente monoideizado por outras impressões, não se recordando da promessa feita.

Tais experiências teriam mais probabilidades de êxito se o paciente se achasse em condições mais favoráveis à sugestão. Eis por que eu desejava que se desse quando a essência astral se acha impressionada por

uma agitação auto-sugestiva, que pode, entretanto, ser substituída por uma sugestão estranha. A sugestão pode, em geral, ser empregada como alavanca para destacar as forças ocultas no homem – o que já provei em meus escritos anteriores. Para o homem astral é de todo indiferente que a sugestão seja pós-hipnótica ou póstuma, porque para ele a morte não é mais do que o episódio de uma desapareição visual, uma exteriorização ódica durante a qual ele se desembaraça do corpo. O nascimento e a morte não são antagônicos, pois cada nascimento é uma morte relativa, e cada morte um nascimento relativo. Nosso ser astral deve desaparecer com o nosso nascimento terrestre, para reviver em nossa consciência cerebral; depois, no momento da morte, reconquista a sua liberdade. Volta então à sua existência normal, enriquecido ou empobrecido, segundo a utilização que fez de sua vida terrestre, com vistas à vida futura. O ato da concepção nos dá a vida corpórea; ao nascimento a alma se reveste da consciência cerebral e por ocasião da morte o espírito readquire as faculdades ocultas.

A mudança da vida terrestre para a vida transcendental é tão grande que não podemos concebê-la nitidamente. Não podemos nos imaginar entrando num Céu tal como no-lo pintaram, nem no inferno como o entendemos, e de fato não mereceríamos um mais do que o outro. Estaremos desembaraçados de todos os males que aderem à nossa existência corpórea. Nossas concepções restringidas pelos estreitos âmbitos da vida dos sentidos ampliar-se-ão no Além. Nossa atividade, que não estará a serviço dum organismo corpóreo, terá campo de ação mais vasto, e como disporemos de um meio de locomoção astral, poderemos gozar de uma existência de tal forma superior a esta, que o símbolo da borboleta deixando o casulo ficará longe da realidade. Tudo nos leva a presumir que no Além viveremos em uma comunidade de espíritos bem maior do que na terra, onde a humanidade mal inicia a formação de grupos solidários.

É também de prever que a moral seja lá superior à da Terra, e que o nosso lugar no Além seja tanto mais favorável quanto mais na Terra tivermos procurado viver beneficiando a solidariedade geral.



E pois que renasceremos para a vida graças à morte, diremos como Sócrates moribundo dizia a seu amigo Kriton:

“A Esculápio devemos a oferenda de um galo.”

- 
- i É importante lembrarmos que os Espíritos são seres livres e, como nós, têm sua vontade, seus compromissos, seu descanso mental e suas conveniências. Evocar os espíritos regulando as suas aparições poderia ser entendido como submetê-los aos nossos desejos, pura e simplesmente, o que seria um erro. Da mesma forma que nós, encarnados, temos a liberdade de aceitar ou não um convite, também os seres do mundo espiritual têm a liberdade de se manifestar ou não mediunicamente. (Nota do revisor.)